



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA –  
PROEAD – PARFOR/UEPB/CAMPUS IV  
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**GILMARA DE ALMEIDA GOMES**

**A LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA**

**CATOLÉ DO ROCHA**

**2019**

**GILMARA DE ALMEIDA GOMES**

**A LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pelo Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR/UEPB/CAMPUS IV.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes.

Catolé do Rocha

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633I Gomes, Gilmara de Almeida.  
A literatura infantil em sala de aula [manuscrito] / Gilmara de Almeida Gomes. - 2019.  
25 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Catolé do Rocha , 2019.  
"Orientação : Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."  
1. Literatura. 2. Leitura. 3. Ensino. 4. Estágio Supervisionado. I. Título

21. ed. CDD 372.4

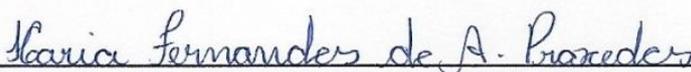
## A LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA

**GILMARA DE ALMEIDA GOMES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pelo Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR/UEPB/CAMPUS IV.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes.

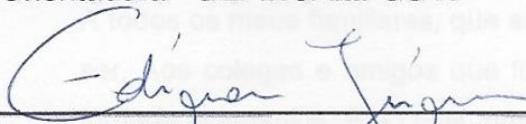
Aprovado em: 07 de junho de 2019.



---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Maria Fernandes Praxedes

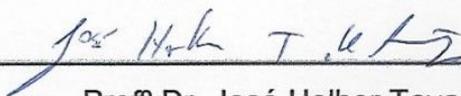
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



---

Prof<sup>o</sup> Dr. Edivan da Silva Nunes Júnior

Examinador - UEPB/CAMPUS IV



---

Prof<sup>o</sup> Dr. José Helber Tavares de Araújo

Examinador – UEPB/CAMPUS IV

A todos os meus familiares, que são a base sólida de um ser. Aos colegas e amigos que fizemos ao longo dessa jornada acadêmica. E a Deus, que me deu força e ânimo durante esse processo.

**Dedico.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, o mestre principal na obra de cada ser, que acompanha os meus passos e ilumina o meu caminho.

Aos meus pais, Geraldo Gabriel Gomes e Terezinha Maria de Almeida Gomes e minha tia Alaíde de Sousa, por me darem força nesta árdua jornada escolar.

Ao meu esposo, Adeildo Evangelista de Sá e a minha filha, Beatriz de Almeida Evangelista, pela compreensão e paciência nos momentos estressantes.

À minha orientadora, Maria Fernandes Praxedes, pela dedicação na correção deste trabalho, fornecendo-me os saberes acadêmicos essenciais na realização deste artigo acadêmico.

À CAPES/PARFOR/UEPB, pela oportunidade de conclusão do curso de Pedagogia, um sonho realizado e um aprendizado significativo à minha formação docente.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram e me ajudaram nesta caminhada.

“A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo... O homem participa por inteiro desse diálogo: com olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com todo o corpo, com todos os seus atos”.

(Mikhail Bakhtin)

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo discutir a importância da literatura na sala de aula, atendendo para a necessidade de manter o aluno em contato com essa arte tão expressiva para a humanidade. Cabe ressaltar que essas discussões dialogam com a vivência do estágio supervisionado, em uma escola da rede municipal de ensino de Catolé do Rocha, cuja proposta foi a de inserir a literatura infantil no espaço escolar a fim de motivar a criança para o prazer da leitura literária. Dito isto, Esta pesquisa tem caráter bibliográfico uma vez que a coleta de informações se deu a partir de material já existente. Do ponto de vista metodológico selecionamos alguns textos, artigos, livros e o relatório de estágio para fundamentar as nossas reflexões. Autores como Coelho (2000), Cunha (2003), Coutinho (1997), Zilberman (2005), entre outros, serviram de embasamento teórico. Esperamos que estas discussões possam contribuir para um ensino de literatura infantil mais estimulante e significativo, e que os professores possam refletir sobre sua própria prática.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Ensino. Estágio Supervisionado

## **ABSTRACT**

This work aimed to discuss the importance of literature in the classroom, meeting the need to keep the student in contact with this art so expressive to humanity. It should be noted that these discussions are in dialogue with the experience of the supervised internship in a municipal school in Catolé do Rocha, whose proposal was to insert children's literature in the school space in order to motivate the child to enjoy literary reading. Having said that, this research has a bibliographic character since the information collection took place from existing material. From the methodological point of view, we selected some texts, articles, books and the internship report to support our reflections. Authors such as Coelho (2000), Cunha (2003), Coutinho (1997), Zilberman (2005), among others, served as theoretical basis. We hope that these discussions can contribute to a more stimulating and meaningful teaching of children's literature, and that teachers can reflect on their own practice.

Key-words: Literature. Literary. Teaching. Supervised internship

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 A LITERATURA INFANTIL NO CENÁRIO BRASILEIRO</b> .....	11
2.1 Monteiro Lobato no Cenário da Literatura Brasileira .....	15
2.2 Literatura Infantil e Ensino .....	17
<b>3 RELATO DE EXPERIÊNCIA - PELOS CAMINHOS DA LEITURA: EM CANTOS, EM CONTOS COM O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO</b> .....	21
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	23
<b>5 REFERÊNCIAS</b> .....	24
<b>ANEXOS</b> .....	26

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, os primeiros livros brasileiros escritos para crianças apareceram no final do século XIX, com obras pedagógicas adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência das colônias. Nessa época a criança era considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, e passa a receber uma educação especial preparando-a para a vida adulta.

É com Monteiro Lobato, em 1921, que teve início a verdadeira literatura infantil brasileira, com uma literatura centralizada em personagens ficcionais como: Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho e Narizinho, Emília e Visconde de Sabugosa, dentre outros. Lobato escreve ainda sobre o folclore, reaproveitando elementos da literatura infantil tradicional. Toda sua obra questiona a respeito da preocupação com as questões nacionais como, a mitologia, a lenda, os fatos políticos, históricos e sociais, como elementos recorrentes nas obras de Monteiro Lobato, expressando suas temáticas numa língua marcada pelo dialeto brasileiro.

Este artigo visa discutir a importância da literatura infantil na sala de aula do terceiro ano do ensino fundamental, atentando para a necessidade de manter o aluno em contato com a literatura infantil a fim de despertar o gosto e o prazer pela leitura. Cabe ressaltar que esta pesquisa parte da experiência realizada durante o estágio supervisionado, ampliada, analisada e melhor debatida neste trabalho.

Diante da prática de observação, pudemos elaborar e executar estratégias de ensino a partir dos conteúdos programáticos do bimestre com atividades lúdicas e prazerosas de acordo com a rotina da sala, mediando o conhecimento para os alunos que estão inseridos no ensino – aprendizagem, seus interesses, saberes e suas formas de aprender e apreender o mundo, possibilitando ao aluno desenvolver sua criatividade e participação, resultando em uma aprendizagem coletiva e significativa.

Dessa forma este artigo tem por objetivo abordar a importância da literatura infantil na sala de aula, e a vivência com livros infantis de maneira a despertar nos alunos o gosto pela leitura literária, socializando a experiência com a leitura literária durante o estágio supervisionado. Consideramos que a leitura literária pode provocar, além do encantamento, diferentes experiências que servirão para o

desenvolvimento cognitivo dos alunos, sobretudo quando se trata de crianças em processo de formação e aprendizagem.

Pensando assim, é importante a mediação do professor que precisa oferecer atividades prazerosas, aliado a uma metodologia significativa. Sendo assim, o contato com diversos gêneros textuais, principalmente com as narrativas literárias, podem ampliar novos horizontes, possibilitando ao aluno um aprendizado de descobertas e de integração com o meio social.

A partir das observações realizadas nos estágios supervisionados, percebemos a importância da literatura para a formação da criança, no que se refere ao hábito da leitura, pois, ela ainda ocorre de forma fragmentada. Dessa forma as leituras apresentadas aos alunos não despertam o imaginário e a criatividade, visto que são leituras meramente didáticas com fins interpretativos, não favorecendo uma metodologia significativa. Diante disso, é preciso que o professor busque estratégias que oportunizem, aos alunos, a participação em atividades realizadas em sala de aula, desenvolvendo a capacidade dos mesmos para a leitura, interpretação e produção de texto.

Em função do problema observado, a proposta do estágio foi a de desenvolver atividades lúdicas a partir do tema: **Pelos caminhos da leitura: Em cantos, em contos com o Sítio do Pica-Pau Amarelo**, do autor Monteiro Lobato, culminando o estágio com a peça teatral do texto, intitulada: **O mundo da fantasia em apuros**, em que as crianças puderam brincar, interagir, aprender e dramatizar, desenvolvendo os aspectos social, psicomotor, linguístico, afetivo, cognitivo, bem como construindo competências relacionais que possibilitaram desfrutar das diversas atividades em sala de aula.

Este trabalho está estruturado em tópicos e subtópicos, distribuídos da seguinte forma: no primeiro momento fizemos uma reflexão sobre **A literatura infantil no cenário brasileiro**, em seguida fizemos uma breve apresentação do autor Monteiro Lobato e discorremos acerca da Literatura infantil e o ensino. No segundo momento apresentamos e analisamos **O relato de experiências no estágio supervisionado**.

Utilizamos como base teórica, alguns autores, como Coelho (2000), Coutinho (1997), Cunha (2003), Zilberman (2005), nos permitindo tratar do papel do professor como mediador do conhecimento, como também sobre a importância e a construção da leitura de textos literários, diversificando a abordagem no processo de

ensino – aprendizagem com práticas metodológicas que possam inserir a literatura em sala de aula.

## 2 A LITERATURA INFANTIL NO CENÁRIO BRASILEIRO

A literatura infantil, na formação das mentes infantis e juvenis, é um fenômeno significativo e de amplo alcance na vida cultural das sociedades. Segundo Zilberman (2005, p.14) a Literatura surgiu no século XIX, devido às preocupações educacionais, a fim de despertar nas crianças o gosto pela leitura. Quanto às concepções em torno do que seja, ou qual a função da literatura infantil, há inúmeras premissas e todas tem uma ligação direta com o ato de comunicação localizada no tempo e no espaço histórico. A literatura infantil é funcional, embora possa ser instrutiva. Enquanto que para o escritor ela produz diferentes emoções, no livro infantil a sua função é basicamente recrear, educar, emocionar e favorecer na criança o seu desenvolvimento intelectual, despertando-lhe a imaginação e aprimorando sua sensibilidade. Entre os conceitos diversos, Coelho aponta a definição de Soriano, que a define da seguinte forma:

A literatura infantil é uma comunicação histórica (localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor – adulto (emissor) e um destinatário – criança (receptor) que, por definição, ao longo do período considerado, não dispõe senão do modo parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta. (SORIANO, *apud*, COELHO, 1975, p. 30)

Através das histórias contadas na escola, a criança começa a ter os primeiros contatos com os livros infantis, iniciando o contato com a literatura de maneira prazerosa conforme os textos oferecidos pelo professor que, de forma espontânea, mediará a recepção e a interação entre aluno/texto afim de que a leitura se torne uma atividade produtiva e agradável. É importante destacar que a literatura, de modo geral, sobretudo a infantil, embora não se preste à formação educativa, desperta curiosidade e, ao mesmo tempo, provoca reflexões sobre a realidade.

As histórias infantis surgiram destinadas ao público adulto, e com o passar do tempo se transformaram em literatura para os pequenos. Um dos fatores apontados em comum às obras adultas que falaram às crianças é a popularidade, pois todos os

clássicos da literatura infantil nasceram no meio popular, com a intenção de passar valores ou normas a serem respeitadas pelo indivíduo. Os contos de fada são os temas mais conhecidos da literatura infantil, com adaptações feitas a respeito do folclore local, apresentando-se de forma original mais nada de novo.

A literatura infantil é identificada como fonte criadora de valores, em que as crianças buscam manifestar seus sentimentos e conhecimentos proporcionando uma literatura de prazer. A partir dos livros infantis a criança se envolve num mundo em que a realidade, os sonhos e a imaginação se misturam, fazendo com que o leitor se aproxime dos personagens dessas histórias lidas ou contadas, e criem seus próprios horizontes de expectativas criando e recriando mundos distintos.

Algumas condições ou exigências são fundamentais para enumerar um livro infantil: a idade, pois o livro deve ser apropriado ao desenvolvimento do leitor a que se destina, e a linguagem deve ser simples e familiar, com o intuito de recrear e não de educar ou ensinar. Outro ponto essencial na literatura infantil é a apresentação do livro, o que chama a atenção das editoras para aprimorarem o material dos volumes, a técnica, o artístico e o assunto, despertando na criança não só o sentimento estético, mais ao ler o livro ela possa compreender, ampliando a sua imaginação.

No século XVII, a literatura começou a ser escrita especificamente como literatura para crianças, desenvolvendo-se simultaneamente em duas áreas relevantes: a da arte e a da pedagogia. Como arte, a literatura provoca emoções, diverte, dá prazer e modifica a consciência do leitor; por outro lado, é instrumento manipulado com uma intenção educativa. O uso com a finalidade de educar precisa ser bem planejado para evitar a utilização do texto literário como mero pretexto para ensinar questões morais e doutrinárias, a literatura não se preta a esse papel.

Cabe ressaltar que a literatura ensina e educa por si só, sem precisar do pragmatismo ortodoxo, da estratégia de se apropriar das narrativas infantis para dá lição de moral à criança. A beleza da literatura reside na descoberta e na reflexão que o texto provoca no ato da leitura. Todavia, há ainda inúmeros equívocos quanto ao ensino de literatura, sobretudo nos anos iniciais, percebe-se uma tendência voltada ao pedagogismo. Para Lajolo (1993, p. 22) a história mostra que, desde as suas origens, a literatura para crianças e jovens teve um papel equivocado, por servir à pedagogia escolar, no tocante a “burilar e fazer cintilar, nas dobras da persuasão retórica e no cristal das sonoridades poéticas, as lições de moral e bons

costumes que, pelas mãos de Perrault, as crianças do mundo moderno começaram a aprender”.

É importante lembrar que até o final dos anos 60, a escolarização da infância e da juventude dividia-se entre o ensino primário, com duração de cinco anos. Quando o ensino primário tornou-se obrigatório, na década de 1930, a disciplina relativa ao estudo da língua e da literatura chamava-se português, abordando os principais conteúdos a aprendizagem da gramática e o conhecimento dos escritores mais importantes da literatura em língua portuguesa.

Desde o século XIX, os livros de leitura adotados na escola incluíam trechos selecionados de vultos do passado literário, sem distinguir entre os autores de Portugal e do Brasil. A partir da atividade incansável de alguns escritores a literatura infantil surgiu como um negócio lucrativo em que as editoras procuraram investir em nomes de autores brasileiros da época, o que provou consistência e durabilidade à literatura destinada às crianças do Brasil.

É importante oferecer ao aluno uma diversidade de livros e histórias infantis, com o objetivo de ajudar o seu desenvolvimento no processo de formação do leitor. Quanto mais a criança tem acesso a essa multiplicidade de livros, o gosto pela leitura pode ser despertado, uma vez que a criança pode se identificar com o mundo do livro, da história que melhor lhe atrai a partir de suas próprias experiências de vida. A respeito do processo educativo da criança, Zilberman defende que o uso do livro depende muito das relações que são estabelecidas entre leitor e livro no ambiente escolar. Para a autora:

[...] o uso do livro na escola, nasce, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância, e de outro, do papel transformados que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta (ZILBERMAN, 1987. p. 26).

Dessa forma, o contato com o livro infantil, em sala de aula, influencia a vida da criança, desenvolvendo o seu aprendizado e proporcionando um mundo de descobertas e a integração com o meio social, transformando-os em leitores criativos e, posteriormente, conscientes. A reforma da educação brasileira introduzida em 1970 trouxe algumas consequências complicadas: com tantos alunos novos na escola, foi necessário habilitar mais professores por meio de cursos

patrocinados pelos governos federal e estadual, e isso se deu de modo muito rápido sem um planejamento específico. Desta forma, foram estabelecidos muitos cursos superiores, em faculdades particulares, encarregados de diplomar professores em pouco tempo, por meio das licenciaturas curtas, de apenas dois anos de extensão.

Com tentativas de reparar erros cometidos ou decisões impróprias, a reforma de 1970 trouxe alguns malefícios como, por exemplo: a precarização ou a falta de preparo do professor para lidar com o ensino de literatura infantil. Mas, nem tudo deu errado, e o incentivo à literatura infantil, considerada material adequado à docência nos primeiros anos da vida escolar, foi um dos benefícios evidentes na nova estruturação do ensino em nosso país. Os professores hesitavam entre literatura para crianças e para adultos, pois ainda não tinham sido escolhidos os livros e leituras a serem utilizadas na sala de aula.

A literatura não surgiu da noite para o dia. Na Europa (anos 20), se propagou a chamada “Escola Nova”, ainda que de forma lenta. As mudanças de mentalidade e as formas de ver o mundo, também são lentas e demoram para serem vivenciadas. Constantemente a sociedade vive momentos de transformação, substituindo um sistema de vida ou valores por outro. Sendo assim, os que são impulsionados fortemente pelas forças da renovação exigem que a literatura seja apenas entretenimento; já os que acreditam que a criança precisa ser ajudada em sua integração social preferem a literatura informativa. Coelho (2000), define a literatura infantil como arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo.

Aqui no Brasil passaram-se anos para que projetos de lei com o intuito de concretizar essas mudanças nos currículos do ensino fossem aprovados. Só nos anos 60, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/1961, mais tarde regulamentada pela Lei nº 5.692/1971, é que o uso de textos literários se tornaram obrigatórios no ensino de Língua Portuguesa nas escolas. Conforme Lajolo e Zilberman (1991), no período modernista, a literatura não infantil apresenta-se com uma estética inovada a literatura destinada à criança, mantendo seu caráter educativo. Somente com Monteiro Lobato, iniciador do movimento editorial no Brasil, é que a literatura para crianças e jovens abre possibilidades para um pensamento questionador e crítico sobre a realidade. A esse respeito, Lajolo e Zilberman destacam que:

A educação é um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de difusão de seus valores, tais como a importância da alfabetização, da leitura e do conhecimento (configurando o pedagogismo que marca o gênero) e a ênfase no individualismo, no comportamento moralmente aceitável e no esforço pessoal. Esses aspectos fazem da literatura um elemento educativo, embora essa finalidade não esgote sua caracterização (LAJOLO, ZILBERMAN, 1991, p.76).

Desta feita, a literatura infantil apresenta-se como um veículo criador e socializador de sentimentos e conhecimentos. É por meio dela que a criança adquire a habilidade de ver as coisas de uma nova perspectiva, se apropriando de uma educação que forneça o prazer e a consciência da leitura em sua vida, pois se a literatura é um instrumento de transformação é porque ela liberta e melhora a vida das pessoas. A literatura infantil atua no espírito da criança, não como a didática que orienta a aprendizagem de maneira explicativa, mas no seu psicológico com uma linguagem inteligível, simples e variada, atendendo com precisão os processos literários de modo sensível.

## 2.1 Monteiro Lobato, no Cenário da Literatura Brasileira

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Era filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Monteiro Lobato. Alfabetizado pela mãe, logo despertou o gosto pela leitura, lendo os livros infantis na biblioteca de seu avô, o Visconde de Tremembé. Foi registrado com o nome de José Renato Monteiro Lobato, depois passou a se chamar José Bento, ficando assim suas iniciais parecidas às de seu pai. Casou-se com Maria Pureza da Natividade, em 28 de março de 1908, e tiveram quatro filhos (FRAZÃO, 2018, s/p).

Foi um dos primeiros autores da literatura infantil. Destacava-se pelo caráter social e nacionalista. Sempre retratou em suas obras as mazelas nacionais, e não deixou de colocar o país no centro de seu pensamento, provocando uma reflexão sobre a realidade brasileira. Com isso, Monteiro Lobato adotou estratégias para evidenciar e denunciar, ao mesmo tempo, as questões sociais do país durante o período de produção de suas obras. Conforme Zilberman (2005, p.23) o escritor sempre repete suas personagens, assim, não precisava inventar novos indivíduos a cada nova história, apenas criava aventuras com espírito aventureiro, e atividades

desafiadoras. Trouxe para as suas obras heróis tradicionais, narrativas que ouvia desde pequeno e recontava não só na literatura, mas em outros meios de comunicação.

Depois que se mudou para o Rio de Janeiro, Lobato começa a publicar livros infantis. Em 1921 publica “Narizinho Arrebitado”, livro destinado para leituras nas escolas. Com o grande sucesso desta obra, o autor estende sua obra a outros livros com acontecimentos sempre vivenciados no “Sítio do Pica-pau Amarelo”. Seus personagens popularizam-se tanto, que aparecem em quase todos os livros. As histórias do “Sítio do Pica-pau Amarelo” e seus habitantes se misturam à realidade, à fantasia. Para isto, o autor utiliza uma linguagem criativa, coloquial e acessível ao universo infantil (FRAZÃO, 2018, s/p).

Os personagens, Pedrinho e Narizinho, e os bonecos, Emília e Visconde, são figuras que representam a nacionalidade, uma vez que elas retratam os problemas do país, reagindo às dificuldades de seu tempo, aproximando os personagens do leitor. Monteiro Lobato em seus livros, deseja que o sítio mostre como o Brasil foi no início do século XX, onde predominava a economia agrícola, a decadência do mundo rural, o atraso da mentalidade das pessoas que viviam no campo. E por outro lado, o desejo de modernização, crescimento e fortuna graças à exploração das riquezas minerais, em especial do petróleo (ZILBERMAN, 2005).

Algumas de suas inúmeras obras, como no livro *Caçadas de Pedrinho*, publicado em 1933, obra que faz parte do Programa Nacional Biblioteca na Escola, do Ministério da Educação, está sendo questionado pelo movimento negro, por conter elementos racistas. Outros contam as aventuras vividas em fábulas de Narizinho Arrebitado, O marquês de Rabicó, Emília no País da Gramática, enfatizando a literatura infantil. Sem falar as fábulas, O cavalo e o Burro, A Coruja e a Águia.

No livro *Urupês*, Monteiro Lobato retrata a imagem do caipira brasileiro, destacando a pobreza e a ignorância do caboclo. Esse personagem torna-se um símbolo nacionalista, que foi utilizado por Rui Barbosa em sua campanha presidencial em 1918. Monteiro Lobato criou um mundo imaginário, o *Sítio do Pica-pau Amarelo*, e, dentro desse espaço, aboliu todas as fronteiras entre seres humanos e não humanos, pessoas e animais, realidade e fantasia (FRAZÃO, 2018, s/p).

## 2.2 Literatura Infantil e Ensino

Conforme os Parâmetros Curriculares para o Ensino Fundamental (PCNEF) algumas propostas a respeito dos textos a serem trabalhados na escola, no Ensino Fundamental, podem ser divididos em dois grupos: os funcionais e literários. Os textos funcionais apresentam um só sentido, no que se referem à funcionalidade, objetivos ou destinação. Já o texto literário, provoca no leitor diversas reações que nos dão prazer emocional ao intelectual.

O trabalho com leitura em sala de aula apresenta algumas vantagens, pois possibilita ao professor trabalhar com uma grande variedade de livros durante o ano letivo, atendendo aos diversos interesses das crianças. Cabe ao professor mediar esse trabalho, escolhendo o livro para aquela aula, observando se os leitores estão preparados para aquela proposta, por isso é de fundamental importância ter em mente as competências de leitura da criança. Além disso, é importante motivar a criança a fazer as suas próprias escolhas, o que deseja ler.

Conforme explica Poslaniec e Hoyel (2000, p. 20) “os jovens são aprendizes leitores que não dominam ainda plenamente as diversas instâncias usadas pelo escritor num livro”. Para Poslaniec as crianças possuem “pequenos saberes” adquiridos em seu contato diário com todo tipo de histórias que acontecem à sua volta. É a partir dessas vivências que o professor organiza esses saberes, ampliando e respeitando as competências trazidas pelas crianças antes de sua escolarização, selecionando o que interessa a elas no momento. Isso será de grande utilidade na ampliação de seu conhecimento, de forma espontânea, por isso é muito importante a escolha do livro e a forma de se trabalhar esse gênero literário.

De acordo com Coutinho (1997, p.195), no Brasil a base educacional está intimamente ligada à família, à igreja, ao poder econômico e político de forma convergente e solidária. Dessa forma, o povo marginalizado não tinha nenhum meio de informação que se passava além das fronteiras da colônia e do reino. Não era permitida nenhuma informação literária a não ser que viesse de Portugal. O governo, que era orientado pelos interesses portugueses, impedia à população qualquer tipo de ideias que libertassem o seu espírito crítico. Deveria manter-se em total ignorância a respeito do que se publicava em outros países. Tudo girava em torno da igreja e dos colégios. No século XVIII, nas universidades, o ensino se destinava a jovens privilegiados das elites de forma restrita e fechada. A escola, com caráter

fortemente conservador, apresentava-se mais no plano da “conservação” e preservação do que na renovação de valores.

É sabido que não é só a escola que detêm o desenvolvimento das sociedades, a família, a igreja, os grupos profissionais e os grupos sociais também são fontes de transmissão de valores e de conhecimento da cultura. As tendências tradicionais da sociedade são reveladas e manifestadas através da literatura, partindo dos conflitos de grupos, das influências culturais e de modos de pensamento, uma vez que na escola essas manifestações ocorrem de forma mais lenta, conservadora e enraizada na cultura tradicional.

Alguns fatos marcantes contribuíram para despertar o interesse e o aprofundamento da literatura em todas as camadas sociais, a expansão quantitativa da rede escolar, a extensão da educação e suas oportunidades a um número cada vez maior e constante de mulheres em escolas superiores, foram importantes para o desenvolvimento da literatura nacional. Os benefícios dessa educação às camadas mais populares começam a produzir um material mais amplo e diferenciado, o que favorece ao comércio a produção de livros literários, bem como o contato com outros escritores. Dessa forma, a escola contribui para essa produção de forma estimuladora, abrindo novos horizontes, aumentando o consumo de livros e, conseqüentemente, o número de leitores.

Conforme Afrânio Coutinho (1997, p. 211) a literatura é um fenômeno cultural, que não se pode abstrair do seu meio social e histórico e de suas raízes educacionais. Não se pode compreender a mentalidade dominante do país, nem mesmo a literatura que se originou na sociedade colonial e se desenvolveu no século XIX: “sem ligá-lo à escola então existente entre nós, à escola humanística, dos padres e mestres-escolas que ‘formavam’ as elites intelectuais e políticas”. A literatura é um produto cultural e, por causa disso, ela depende da vida social e política. Ainda sobre esse aspecto, Coutinho afirma que as artes e a literatura fazem parte comum do todo, que é a cultura, e essas se manifestam em diferentes planos e meios a unidades subterrânea das culturas.

A literatura enquanto arte deve ser concebida e priorizada no ato de ler, numa dimensão individual, pois é o leitor que retira dela a sua essência, e seus significados, proporcionando prazer e gosto pela leitura. Desse modo, no ensino de literatura, pretende-se resgatar os conhecimentos obtidos pelos alunos em contato direto com o texto literário, através de leitura de obras, para a plena efetivação da

aprendizagem. Assim, o ensino da literatura é “humanizadora”: “[...] ela visa tornar o homem mais humano e capaz de uma vida plena na sociedade. [...]” (COUTINHO, 1997, p. 218).

A história da literatura ainda se refere a uma sequência temporal, com uma listagem de autores e obras canônicas portuguesa e brasileira, tendo o livro didático como manual, que aponta informações sobre as obras e as suas características, relacionadas ao texto e ao contexto. A respeito da instrumentalização permanente do profissional de educação, Geraldi (1996, p. 105-106) se posiciona dizendo que: “somente um comprometimento político outro poderia inspirar e alicerçar um trabalho escolar competente, transformando a prática social de leitura em espaço de construção de novas compreensões do mundo vivido pelos professores e seus alunos”.

A escola, ao utilizar o livro didático, esquece que o leitor vive no mundo real com vivências concretas, e por isso deveria proporcionar ao aluno o contato com livros que ofereçam uma visão crítica do mundo, a fim de despertar a imaginação e tornar o sujeito mais ativo frente ao contexto histórico-social. A formação do aluno não se dá mais de uma única forma, considerando só o que o professor ensina, visto que o mundo passa por diversas mudanças, e cada vez mais o homem busca por um mundo melhor. Sobre estas transformações Moscovici (2009, p. 41) lembra que:

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI.2009, p. 41).

O texto literário é uma atividade que não deve ser utilizada como mera decodificação, mas como uma atividade em que o leitor possa utilizar desses conhecimentos internos, formados enquanto sujeito social. Perrone-Moisés (2008, p. 15) aponta certa efervescência do mundo literário extraescolar:

Curiosamente, enquanto a literatura perdia seu prestígio no ensino [...] ela se adaptou aos novos tempos. A edição e a circulação de obras literárias ganhou um grande impulso com a informatização; a globalização suscitou um aumento considerável de traduções em todos os países [...] (PERRONE-MOISÉS.2008, p.15).

A literatura, no decorrer da história da humanidade, adquiriu um viés utilitário, e cabe ao professor elaborar estratégias de leitura nas quais o leitor possa dialogar com o texto, atribuindo sentido àquilo que lê a partir do que está posto nas indicações que cada texto traz em sua composição. A esse respeito, Barbosa (1996, p.74) afirma que “[...] o leitor interage vivamente com o texto na medida em que não apenas lê decifrando, mas desconstrói o cifrado pelo movimento da releitura”.

O papel das escolas e dos professores, no modelo atual, deve ser o de tentar desconstruir o paradigma da educação conservadora e bancária, e evitar, com isso, que os alunos fiquem alheios à nova realidade contemporânea. Nesse sentido, a literatura surge como instrumento de transformação na vida do leitor, pois é capaz de fazer pensar sobre si mesmo e o outro. Em outras palavras, a literatura conscientiza à medida que torna o sujeito crítico, produtivo e participativo. Para Aguiar e Bordini (1988, p.148) esse “[...] tal leitor revela visão crítica sobre sua atuação e a de seu grupo, tornando-se agente de aprendizagem e determinando, ele mesmo, a continuidade do processo, num constante enriquecimento cultural e social”.

Sendo assim, a literatura influencia positivamente no processo de aprendizagem, proporcionando inúmeras possibilidades educativas que desenvolvam suas competências sociais e emocionais, durante seu aprendizado. A participação do leitor no processo de leitura interfere na construção de sentidos, fornecendo pistas e ampliando seu imaginário, pois cada leitor traz em sua bagagem social significados diferentes para cada texto lido, e isso acontece quando a leitura interessa ao leitor. Dessa forma, o papel do professor leitor é fundamental, uma vez que é ele o intermediário entre o aluno e o livro.

A esse respeito Zilberman (2013, p.1) afirma: “o professor não é só o indivíduo letrado, mas aquele que precisa se reconhecer como leitor e gostar de se entender nessa condição” [...]. Cabe ao professor estimular no seu aluno o gosto pela leitura, estabelecendo relações experienciadas, interagindo com o texto, trocando ideias e atribuindo-lhe sentido. Pois a leitura não só amplia os sentidos entre o escritor e o leitor, mas compartilha resultados de visão de mundo, no qual estamos inseridos. Os profissionais da educação precisam criar o hábito da leitura por prazer, para que possam despertar em seus alunos, também, o prazer da leitura. Dessa forma, o trabalho do professor pode tornar-se uma prática enriquecedora e

transformadora, porque pode despertar o interesse e o envolvimento do leitor com as atividades propostas.

### **3 RELATO DE EXPERIÊNCIA - PELOS CAMINHOS DA LEITURA: EM CANTOS, EM CONTOS COM O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO**

O Estágio Supervisionado proporcionou estabelecer um diálogo entre teoria e prática, favorecendo uma melhor aprendizagem integral ao aluno/estagiário. Ao longo da intervenção pedagógica, foi possível constatar a necessidade de se pensar propostas de ensino que atendam às exigências da educação brasileira no contexto atual, sobretudo no que diz respeito às dimensões do como ensinar e avaliar. Para isto, é preciso um planejamento de atividades de ensino que favoreça uma aprendizagem adequada e coerente com seus objetivos. É a partir destas definições que o professor elabora a programação diária de sala de aula. Nesse sentido, a responsabilidade do professor é cada vez mais desafiadora e, por causa disso, é evidente a importância de inserir a literatura na sala de aula para que o aluno desenvolva suas habilidades leitoras e, por conseguinte, seu senso crítico. Isso vale para o professor e o aluno, dentro de um ambiente estimulante que favoreça o ato da leitura e da formação cidadã.

Desta forma, o estágio foi uma experiência desafiadora e, ao mesmo tempo, enriquecedora, pois contribui com nossa formação docente. Para colaborar com a escola campo de estágio, e atender às necessidades dos alunos foram elaboradas atividades dinâmicas e prazerosas a partir de algumas perspectivas teóricas. Para Wallon (*apud* GALVÃO, 1995), “a escola deve conhecer o desenvolvimento e as necessidades primordiais da criança e considerar os comportamentos próprios dos estágios evolutivos, para orientar a ação educativa”. Sendo assim, os alunos ficam entusiasmados com atividades inovadoras, diversificadas, diferentes do cotidiano ao qual não estão habituados. Diante dessa percepção, o professor precisa refletir sobre as dificuldades de ensino-aprendizagem que circulam no ambiente de sala de aula e criar possibilidades para um ensinar e aprender mais estimulantes.

Realizei o estágio na minha própria sala de aula, em uma Turma do 3º ano do fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Catolé do Rocha, em outubro de 2018, no horário das 13h às 17h:15. Para isto, foi elaborado um plano de aula de acordo com os conteúdos programáticos do bimestre, fazendo uso de jogos,

brincadeiras de faz de conta e de arte. Durante a minha intervenção, procurei desenvolver atividades lúdicas e prazerosas de acordo com a rotina da sala de aula, o que possibilitou ao aluno desenvolver sua criatividade e participação, e isso resultou em uma aprendizagem coletiva e significativa. De acordo com Vygotsky (1993, p.74) “o aprendizado é uma das principais fontes de conceitos da criança em idade escolar, e é também uma poderosa força que direciona o seu desenvolvimento, determinando o destino de todo o seu desenvolvimento mental”. Para a realização das atividades denominei como tema do projeto, que foi desenvolvido durante uma semana, **“Pelos caminhos da leitura: Em cantos, em contos com o Sítio do Pica-pau Amarelo”**.

Para mim foi gratificante, pois já conheço a sala e o processo de conhecimento dos alunos. Utilizei o texto da música de abertura do Sítio do Pica-pau Amarelo, e após ouvir e cantar realizamos a leitura da canção. Na oportunidade questionei-os sobre o que fala o texto, quais os personagens presentes, o autor. Diante disso, fiz um relato sobre Monteiro Lobato, suas obras e vida. Nas aulas seguintes foi explorado o gênero textual receita, associando à personagem do sítio, a cozinheira tia Nastácia; aproveitando para trabalhar os materiais usados no bolo e as quantidades dobro e triplo. O texto e música selecionados proporcionou aos alunos um espaço de liberdade e imaginação, aliado a atividades significativas e integradas com o mundo mágico do Sítio do Pica-pau Amarelo, onde eles aprendem e brincam sobre qualquer assunto. Os alunos participaram com muito entusiasmo das atividades propostas.

Na sequência das atividades, os alunos selecionados participaram de uma peça teatral, denominada de “O mundo da Fantasia em Apuros”, de autor desconhecido, a fim de esboçar a importância da leitura literária no cotidiano das crianças, finalizando a apresentação cênica com a música “Vamos construir”, de Sandy e Júnior. Dessa forma, proporcionamos aos alunos atividades estimulantes as quais possibilitaram a interação entre aluno/professor, e isso resultou em um ensino de literatura infantil pautado no mundo da magia e da criatividade das crianças.

Ao finalizar as atividades propostas, os alunos foram avaliados através da participação na realização das atividades de leitura dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, da música de abertura e do gênero textual receita, com o cartaz da receita do bolo de fubá, associando à personagem Tia Nastácia. As crianças

foram questionadas sobre os materiais necessários, quantidade e modo de fazer o bolo. Em matemática, reutilizei o cartaz com a receita do bolo para trabalhar o dobro e o triplo, usando os ingredientes que apareciam na receita, finalizando a atividade com a partilha do bolo entre os alunos. Percebi que os objetivos foram alcançados e as atividades realizadas foram desempenhadas com comprometimento com os alunos, uma vez que eles são fundamentais e essenciais para o desenvolvimento educacional. Cabe ao professor, portanto, permitir aos alunos atividades que proporcionem o fazer, o errar, o participar e a interação com os adultos e com as outras crianças. Desta forma, é possível articular diversos saberes, conhecimentos e experiências, visto que a leitura de textos literários é uma atividade necessária não só como processo educacional do ser, mas também como processo social, histórico e político.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Literatura Infantil na formação de leitores deve fazer parte do cotidiano do aluno, ou seja, precisa ser um processo constante, que deve começar em casa e ser aperfeiçoado na escola. Uma família leitora estimula efetivamente a criança a se tornar um leitor fluente, e isso contribui positivamente para a criança ler e gostar de ler. Sendo assim, o professor deve oferecer leituras agradáveis, deixando o aluno a vontade para escolher aquele livro que possa lhe proporcionar o prazer de ler desenvolvendo um mundo de fantasias.

Quanto mais cedo a criança entra em contato com livros, mais cedo ela adquire um senso crítico e reflexivo, que fortalecerá o seu convívio social. O uso da literatura Infantil em sala de aula é uma ferramenta importante no desenvolvimento do aluno, uma vez que é um agente transformador, desenvolvendo o incentivo à leitura e à formação de leitores. Assim, a literatura Infantil precisa estar cada vez presente no cotidiano escolar. Além disso, a utilização de gêneros textuais variados desenvolve a oralidade, a criatividade e principalmente o gosto pela leitura, contribuindo assim na formação desse leitor. Por isso a necessidade de, também, serem inseridos na rotina diária da vida escolar da criança.

A Literatura estimula a criança a ser um ser atuante e capaz de adquirir seu próprio conhecimento. Dessa forma, trabalhar a Literatura em sala nos permite refletir sobre a influência cultural literária, na vida desses alunos, uma vez que atua

no desenvolvimento cognitivo da criança. É na sala de aula que a criança troca experiências, discute, reflete e transforma suas atitudes interagindo com o outro. Portanto, a literatura proporciona esse diálogo de maneira prazerosa e significativa. Para isto, é preciso que o professor adquira o prazer de ler e desperte este prazer e o gosto pela leitura de forma enriquecedora, uma vez que ele é um dos responsáveis por formar e ampliar os horizontes do leitor.

Dessa forma, a universalização do ensino, as transformações sociais e o aumento dos anos da escolarização fizeram crescer a expectativa de outras exigências em relação aos professores e a escola. Com isso, temos um papel fundamental neste processo que é o de trabalhar em conjunto para atender as necessidades de um novo olhar para a educação e um novo jeito de ensinar. Esperamos, portanto, que este trabalho possa provocar uma reflexão sobre a importância do ensino de literatura nos anos iniciais do ensino fundamental, especialmente em turmas de 3º ano, fase do último ciclo de alfabetização da criança. Com isso, esperamos contribuir com os estudos literários e com a sociedade, no que diz respeito ao despertar para a inserção da literatura infantil no ambiente escolar desde cedo.

## 5 REFERÊNCIAS

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Co-direção Eduardo de Faria Coutinho. 4.ed. São Paulo: Global, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. ed. 2. São Paulo: Contexto, 2012

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. ed.18. São Paulo, Ática, 2003.

DALVI, Maria Amélia. REZENDE, Neide Luzia. FALEIROS, Rita Jover. (orgs) **Leitura de Literatura na escola: estratégias de ensino**. São Paulo: Parábola, 2013.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. ed. 5. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção como usar na sala de aula).

FRAZÃO, Dilva. **Monteiro Lobato: escritor brasileiro.** Disponível em: [https://www.ebiografia.com/monteiro\\_lobato](https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato). Acesso em: 12 de abril de 2019.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção literatura e ensino).

ZILBERMAN, Regina. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

## **ANEXOS**

## **ANEXO A: TEXTO “O MUNDO DA FANTASIA EM APUROS”**

Emília (sai de dentro de um baú de madeira): Aí! Bom dia, Dona Flor!

Flor: Bom dia, Emília!

Emília: Bom dia, passarinho!

Passarinho: Bom dia, Emília!

Emília: Que belo dia! Ótimo pra ler um livro. Adoro os contos de fadas!

Visconde de Sabugosa: Olá, marquesa! E eu adoro ler um bom gibi de super-heróis.

Emília: Muito bem! Então vamos tratar de ler e parar com a conversa fiada.

Chapeuzinho Vermelho: Pela estrada afora eu vou bem sozinha, levar esses doces para a vovozinha!

Emília: Nossa! A Chapeuzinho Vermelho! O que você tá fazendo aqui?

Chapeuzinho Vermelho: Ora! Estou indo para a casa da vovozinha, levar estes doces. Será que estou perdida?

Porquinho (entra correndo): Socorro! O Lobo Mau quer me devorar! Socorro!

Emília: Ah! Agora essa! Isso só pode ser uma brincadeira da Narizinho e do Pedrinho!

Visconde: Mas como Emília? Eles estão viajando.

Emília: Então, já sei! Vocês estão fugindo da Dona Carochinha?

Chapeuzinho e Porquinho: Não!

Chapeuzinho: Eu tô procurando a casa da vovó.

Porquinho: E eu estou fugindo do Lobo Mau!

Homem-aranha (entra atirando sua teia): Que que eu tô fazendo aqui!

Super-homem: Vou salvar o mundo!

Visconde: Agora, eu que não estou entendendo mais nada!

Batman: Quem são vocês? Onde é que estou? Como vim parar aqui?

Emília: Calma, lá, seu Morcego orelhudo! Uma pergunta de cada vez. Aqui é o Sítio do Picapau Amarelo, eu sou a Emília, Marquesa de Rabicó e este é o Visconde de Sabugosa. E o resto do pessoal, não sei o que estão fazendo aqui.

Batman: Ora, ora, temos um mistério aqui!

Branca de Neve: Lá, lá, rá, lá! Que linda floresta! Ops! Cadê a floresta?

Emília: Xi!! Mais uma perdida!

Princesa: Olá! Vocês viram meu príncipe?

**NÃO!**

Príncipe: Meu amor, princesa! Onde você está?

Princesa: Aqui meu querido!

Bruxa: AH! AH! AH! Encontrei vocês suas princesinhas fujonas!!!

Branca de Neve: A bruxa, se escondam!

Princesa: Oh! Ela vai transformar o meu príncipe em sapo! Não aguento mais ter que beijar um sapo. Eca!

Homem-aranha: Saia daqui sua bruxa malvada!

Super-homem (arrastando a bruxa): Ninguém fará mal a estas lindas princesas.

Batman: Venha pra cá, malvada!

Fera: Uahhhu!!! Eu sou a Fera e quero minha Bela!

Emília: Ah não! Assim, não dá! O lugar tá ficando muito cheio! Aposto que isso é coisa da Cuca, ela até mandou a prima dela, essa bruxa feiosa pra cá.

Bruxa: Fique quieta, bonequinha atrevida!

Todos conversam numa grande confusão... Quando enxergam a fada, dizem:

OHHHH!

Fada Brilho: Calma pessoal! Eu sou a Fada Brilho e reuni todos vocês aqui. Porque algo terrível está acontecendo no Mundo da Fantasia. Os castelos, florestas, personagens, tudo está desaparecendo...

Visconde: Mas como isso é possível!

Fada Brilho: Os seres humanos estão deixando de lado a leitura das histórias infantis e histórias em quadrinhos. Os pais não leem para os filhos e, as crianças só querem ficar na frente do video-game, computador e televisão.

Branca de Neve: Que pena! Nossas histórias são tão lindas!

Fada Brilho: Por isso estamos todos aqui! Precisamos da ajuda de todas as pessoas para que o Mundo da fantasia, dos contos de fadas e super-heróis não desapareça!

Princesa: E como estas pessoas podem nos ajudar?

Fada Brilho: Lendo, é claro! Lendo nossas histórias, contando para seus filhos e as crianças lendo muito também! Assim, o mundo da Fantasia continuará existindo.

Chapeuzinho Vermelho: Ah! É tão fácil assim! Por que ler é muito bom, né!

Emília: Então, vamos resolver logo esse problema. Ei, pessoal! Vocês mesmos que estão nos assistindo. Que tal dar uma mãozinha pra gente e prometer que não vão deixar o mundo da fantasia acabar? Prometem que vão sempre ler e contar nossas histórias? Não ouvi direito!

Todos dizem: EHHH!! Obrigado!!

Fada Brilho: Ah! Que maravilha! Assim, podemos voltar felizes para nossas histórias!  
Missão Cumprida!

Narradora: Sonhos, magia, ilusões...

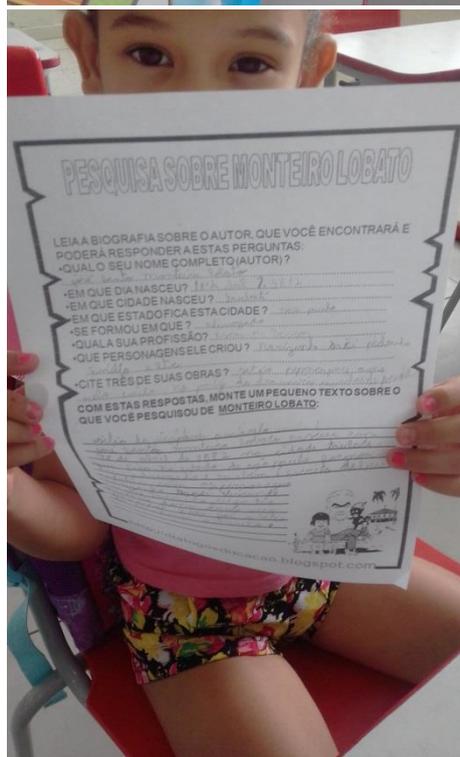
Vamos juntos embarcar em um mundo onde tudo é possível, basta acreditar! Onde todos nós somos sempre crianças...

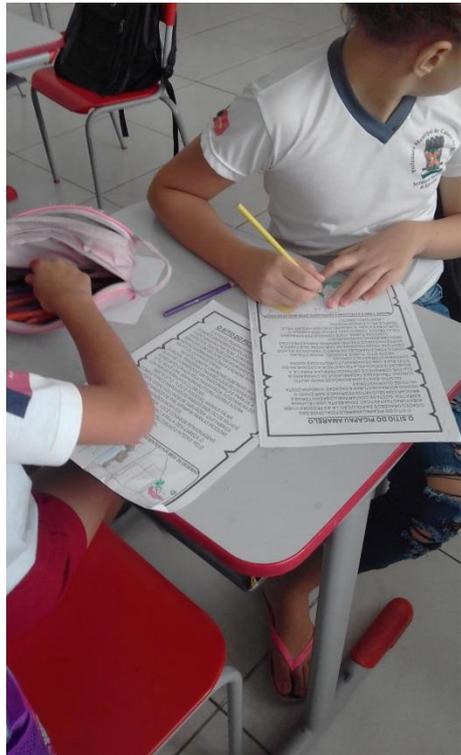
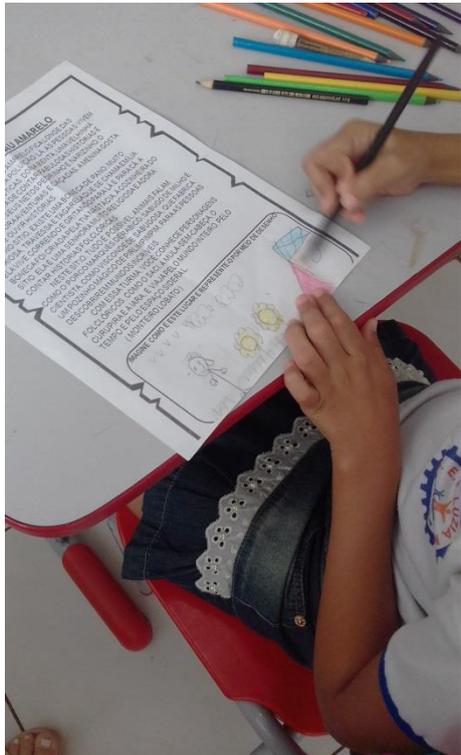
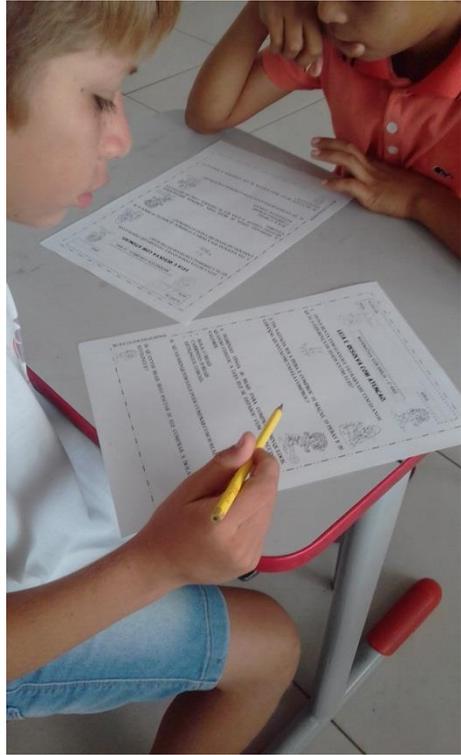
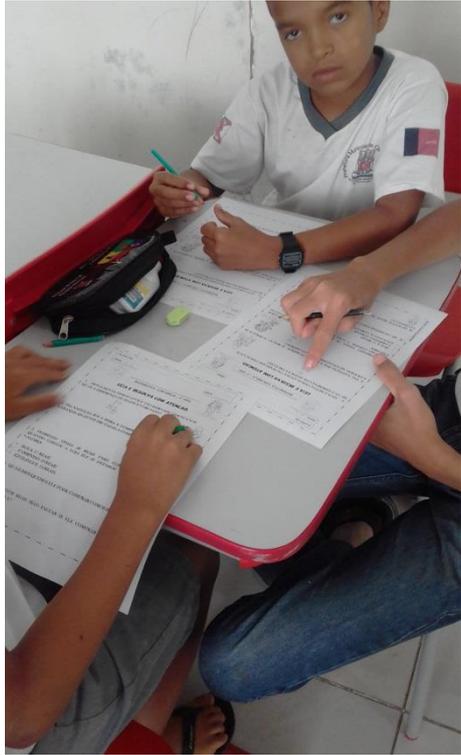
Esse é um mundo diferente, um mundo distante... Mas que precisa muito de vocês, para continuar existindo...

O Mundo da Fantasia!

Autora: Daniela Gonçalves Oliveira

## ANEXO B: FOTOS DAS ATIVIDADES REALIZADAS A PARTIR DA MÚSICA “O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO”





Bolo da Tia Nastácia  
Ingredientes

- 2 xícaras de açúcar
- 4 gemas
- 4 claras em neve
- 1 xícara de manteiga
- 2 xícaras de leite
- 2 xícaras de fubá
- 1 xícara de queijo ralado
- 1 colher de sopa de fermento
- 4 claras em neve

Modo de fazer

Bate as claras em neve e deixar reservado. Bater os ingredientes restantes no liquidificador e, após bater bem, passar para uma vasilha. Juntar as claras em neve à mistura, mexendo aos poucos. Untar uma forma de bolo (com margarina) e deixar no forno médio.

DOBRO

- 4 xícaras
- 8 gemas
- 8 claras
- 2 xícaras
- 4 xícaras
- 4 xícaras
- 2 xícaras
- 2 colheres
- 8 claras





